ANO 1.º — LISBOA — SEGUNDA-FEIRA, 31 DE OUTUBRO DE 1921 — N.º 3

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor

JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas:
RUA DO MUNDO, 116, 1.
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

Maximo Gorki que, dentro da Republica dos Soviets, era um ponto de referencia para o sentimento e o pensamento internacional, acaba de falecer.

A sua obra que ele construiu em plena sombra dos *bas fonds*, girando sobre as barcas do Volga ou palmilhando a estepe com dezenas de vagabundos, terminou num halo de luz.

Viu na Russia a redentora dos povos.

Enganou-se?

E' muito cedo para profetisar. Estamos no inicio duma epoca em que os ferreiros de Vulcano teem a sua forja na propria consciencia humana. Muito se tem andado, nos ultimos anos.

Para onde vamos?

Onde pararemos?

Gorki foi um dos que, com mirada larga, apontou fins e rasgou horisontes á marcha dos povos. O seu miticismo nem sempre lhe deu certezas, motivo porque, nalguns dos seus livros, ele nos deixa a impressão dum homem que é vitima das suas visões.

Em Lenine, admirava ele um dos que viam a historia e o drama humano, fóra dos juizos e conceitos das ideias actuais.

No entanto, repugnavam-lhe certas feições e aspectos da revolução russa. Era um inimigo do terror vermelho. Via na Justiça uma virtude social que fazia da lei um perdão e do perdão a disciplina de toda a violencia.

Houve, entre os revolucionarios, quem o apodasse de visionario, desviado das realidades com que a politica tem de contar. Ele sorriu-se de tamanha suficiencia. Nunca se indignou. Vendo que o melhor do seu sonho de escritor se perdia na indiferença das turbas, algumas vezes se queixou da inferioridade destas. A morte colheu-o, quando ele, voltando-se para o ocidente, chamava os sabios e os artistas a serem justos com o seu paiz.

Seria isto ainda uma ilusão?

E' possivel, visto que a inteligencia e a emoção vivem como escravas das conveniencias.

Um dos seus ultimos escritos, de que a *Nohvelle Revue Française* publicou uma esplendida tradução, foi o relato das suas entrevistas com Tolstoi. O patriarca de Iasnaia Poliana apresentou-o ele como menos evangelico, mas mais ironico que seria para desejar. Parece que a sua doutrina da resistencia passiva encobria um orgulho desmedido. Entre os seus, não consentia controversia que o seu verbo dogmatico não resolvesse e perante o publico ficava muito contente se se convencia que lhe tributavam respeito e veneração.

Tolstoi suspeitou o talento de Gorki, a influencia da sua palavra entre os humildes. Mas como era um aristocrata, não sentiu um vivo entusiasmo por um escritor que vinha de tão baixa e de tão rasa origem que não tinha historia.

Força é confessar, porem, que o autor de *Ana Karenine* e o autor dos *Vagabundos* são os dois grandes amotinadores da plebe russa que em Dostoiewsky encontrou o primeiro revelador das escorias da sua alma em que o Bem e o Mal vivem tão abraçados que representam duas faces do mesmo ser.

OS MILHAFRES

O sr. Presidente da Republica mais uma vez se referiu ontem aos derrotistas que, sem energia para um nobre gesto em defeza e honra da Patria, se encarregam de espalhar o desanimo e a descrença, porventura com o proposito funereo de assistirem á ruina dum povo que, mesmo nas horas sombrias, manteve alto o seu animo de batalhas.

As suas palavras justissimas, se o egoismo não fosse a grande arma de defesa dos que se dizem conservadores, deveriam calar fundo no espirito de tantos que julgam a digestão um acto sagrado. Comer é uma função importante, mas há ocasiões em que a fome desempenha um papel espiritual bem superior. Por falta de ideal, sucumbiram a Grecia e Roma, embora houvesse mesas lautas em que o luxo se fazia servir em pratos de oiro. Os famintos que lutam, com fé e entusiasmo, por uma sociedade melhor têm feito no mundo grandes coisas.

O homem liberta-se pelo cerebro e escravisa-se pelo estomago.

Tenham, portanto, muito cuidado os que mastigam saborosas e suculentas iguarias, porque podem muito bem estar destruindo com os proprios dentes a sua carta de alforria. Os tempos não correm propicios para romances bucolicos nem para historias de amores. As almas fazem-se duras, porque os fados educam-nas com experiencias pouco ternas.

Portugal necessita salvar-se dos muitos perigos que o ameçam e o minam intimamente. Esta necessidade é uma lei rigorosa que se não compadece com lamentos nem frases inuteis. Os timidos escondam a cabeça sob a sua timidez, esperando a passagem da procela que confunde o ceu de Portugal.

Expulsemos as aves agoirentas que, a cada instante, prenunciam a nossa morte.

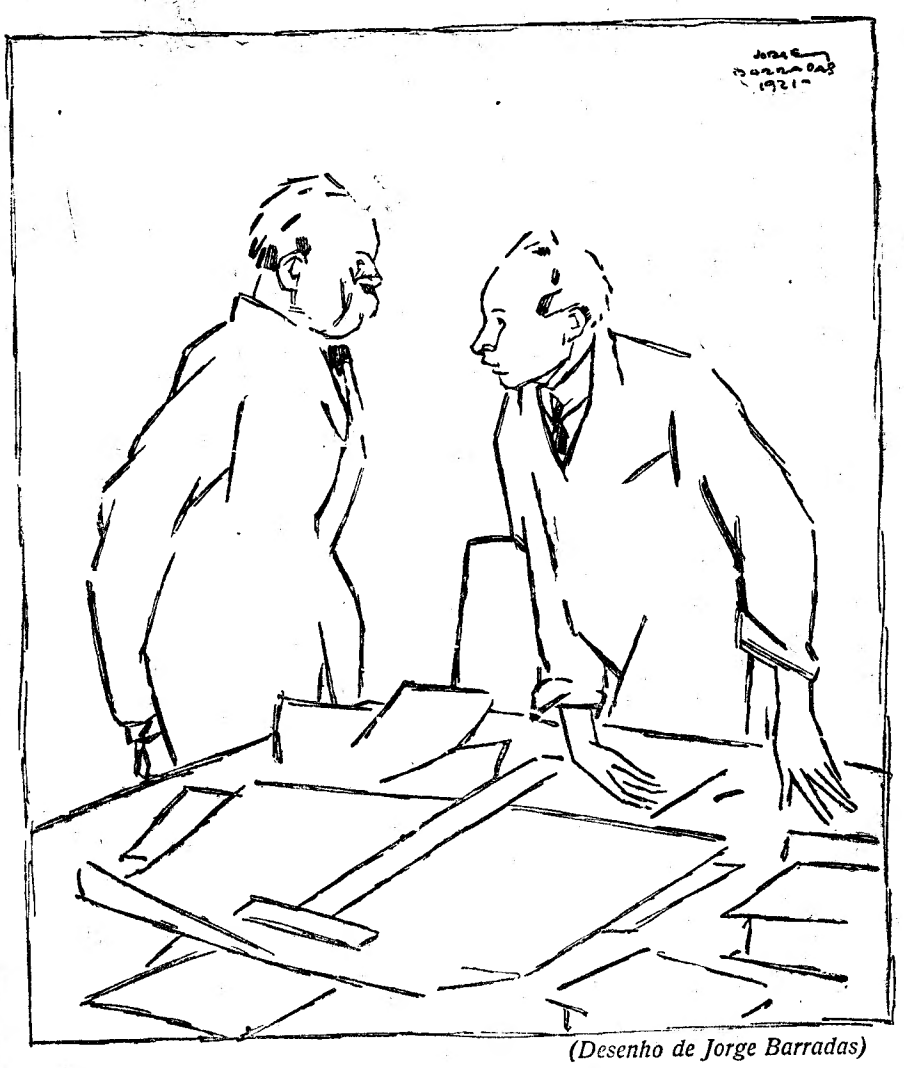
Sobretudo, tomemos muita cautela com os milhafres que contam sempre nutrir-se de vidas inocentes.

Emquanto os rouxinois cantam na verdura a magoa de não terem par no sentimento, os rapinantes ensaiam um golpe que os reduza a perpetuo silencio. Sempre, no mundo, houve carrascos e vitimas, explorados e exploradores.

E' pena, porém, que, na hora em que vamos, haja quem queira incluir todos os portugueses, nestas especies antipaticas.

O patriotismo é uma força de pensamento e coração que paira sobre miserias e torpezas. Não deixemos que a nossa Patria tome o aspecto duma liça de apetites em que os simples só vivem para proveito e luzimento dos pouco escrupulosos.

QUEDAS



(Desenho de Jorge Barradas)

—Isto? E' um estudo sobre o aproveitamento das quedas de agua.

—Porque não fazes antes um estudo sobre o aproveitamento das quedas de ministerio?

João de Castro acaba de publicar uma tragedia—*A Horda*,—com belas ilustrações de Albert Jourdain. A ediçã$_o$ é um primôr.

Nos três actos, escritos em verso livre, em que se afirma um raro poder de visionar e cantar, passa a dôr humana em seus gestos augustos.

Não cometemos qualquer engano, dizendo que *A Horda* deve ser um dos livros do ano literário 1921-1922.

***

Recebemos um telegrama do sr. Sousa Varela, deputado liberal, enviando cumprimentos ao *Diário de Lisboa*, que muito nos penhoraram.

***

A comissão de propaganda do Avelar vae reproduzir, num numero unico, as impressões da Senhora da Guia, que o nosso ilustre colaborador dr. Sousa Pinto publicou, na página literária do *Diário de Lisboa*.

***

O correio trouxe-nos hoje o volume XXXI da *Revista de Guimarães*, correspondente a Julho do corrente ano. Leitura variadissima e cheia de interesse.

***

Foi nomeado o sr. professor Mark Athias para proceder a uma sindicancia ao ilustre naturalista sr. Antero Frederico de Seabra, por haver contribuido para que não fôsse entregue a$_o$ Muzeu de Zoologia e Antropologia da Faculdade de Sciencias, a colecção de lepidópteros, que pertenceu ao dr. Carvalho Monteiro. A sindicancia é feita a requerimento do sindicado.

***

A Junta Geral d$_o$ Distrito de Vila Real fez-se representar, na manifestação ao sr. Presidente da Republica, pelo sr. Luiz Pinto Machado.

***

Sobre *passes* nos electricos, manda-nos um dos leitores do *Diário de Lisboa*, o seguinte postal:

«PAZ PODRE, 30-X-1921.—Sr. Director do apreciado jornal *Diário de Lisboa*:—Agora que se volta a falar novamente na *decantada* questão dos electricos, em que nós, assinantes, temos sido duramente prejudicados, e que, parece, vão de novo ser permitidas as assinaturas, lembra-nos fazer a todos, as seguintes preguntas:

Senhor assinante, V. S.ª já notou:

Quantas vezes anda de carro?

Anda tambem ao domingo?

Quantas vezes anda de carro, sem que lhe façam a cobrança?

Quantos dias V. Ex.ª se ausenta de Lisboa?

Depois disto, valer-lhe-há a pena tirar assinatura?

Se V., sr. Director, não vir inconveniente, como eu o não vêjo, em publicar este postal, fica-lhe muito grato o seu—*Leitor diário*».

***

Não se compreende que o sordido egoismo de muitos ricos se não lembre da profunda miseria dos nossos hospitaes, azilos e internatos em que tanta dôr muda se esconde.

***

Representaram o senado e a comissão executiva municipaes de Marco de Canavezes, na manifestação ao Chefe do Estado, os srs. dr. Amadeu Encarnação e António Pereira Monteiro, correspondente do *Diário de Lisboa*.

TEATRO S. CARLOS Telef. E 5063
Companhia dramatica
REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
Hoje, ás 21 horas (9 em ponto) Hoje
JERUSALEM!
Um sexteto composto por distintos artistas sob a direcção de René Bohet.
O espectaculo termina á meia noite

THEATRO SÃO LUIZ
Empreza A. Ramos, Lda.
Concertos Blanch
No escriptorio da empreza, da 1 ás 5 horas da tarde, está aberta a assinatura para
10 — CONCERTOS — 10
DA
Orchestra Synfonica Portugueza
dirigida pelo maestro *Pedro Blanch*.
Os srs. assinantes da ultima epoca teem *preferencia* aos seus logares até sexta feira, 4 deNovembro. No dia 5 principia a assignatura avulso, livre de compromissos.

TEATRO DO GIMNASIO
Companhia ALVES DA CUNHA
HOJE, ás 9 da noite, em ponto
Ultimas representações
da mais graciosa das peças
O CELEBRE PINA
Recitas de despedida
O espectaculo acaba antes da meia noite
BREVEMENTE: 1.ª recita de assinatura com a peça
MARIDOS ENCRAVADOS

TEATRO AVENIDA
HOJE
A
OPERETA
FLORES
DA
NOITE

APOLO
HOJE, 2.ª feira ás 21
ás 21, 2.ª feira HOJE
O grande sucesso
GATO
POR
LEBRE
Vão hoje vêr o Alvaro Pereira!

Adelino Padesca
(da Faculdade de Medicina e dos hospitais)
Consultorio: Avenida da Liberdade, 138
Telefone 137-C.

SPORT

OS DESAFIOS DE ONTEM

CASA PIA E BEMFICA, FINALISTAS DA TAÇA "ASSOCIAÇÃO"

BEMFICA VENCE VITORIA POR 5 A 0
CASA PIA VENCE SPORTING POR 2 A 1

Passava já das 13, quando Rogerio, que substitue Guimarães, deu principio ao primeiro desafio. Sae o Bemfica, mas não se aproxima; a bola começa a girar dum para o outro lado, um pouco ao acaso, mas tentados os primeiros remates o jôgo vae-se animando. Viegas sofre os primeiros sustos, defendendo com aquela serenidade que lhe costumamos vêr; no entanto, os seus companheiros conseguem tambem pôr em perigo as rêdes do Bemfica, mas Vieira defende rápido. As avançadas repetem-se agora dum e de outro campo com muita rapidez, obrigando as defezas a trabalhar sem descanço. O Bemfica, porém, ataca melhor; Ribeiro está passando e trabalhando muito bem, num passe para Moraes; este, que está um pouco atrazado, deixa Viegas correr para a bola e aliviar. Moraes, deslealmente, magoa-o no ventre; Alfredo tenta agredi-lo, e o juiz, muito bem, expulsa-os do campo. Os capitães modificam as linhas e o desafio continua. O Bemfica deixa Bastos só na defeza, o que lhe ia custando um dissabôr, se os avançados do Vitória não rematassem tão mal. A primeira parte termina emfim por 0-0.

Na segunda, depois de mais de vinte minutos de intervalo, porque não havia bola, inicia-se de novo o jôgo, saindo o Vitória, que perde em seguida a bola, que é passada a A. Augusto. Rafino tenta desarmar, mas não o consegue e A. Augusto escapa-se numa boa fugida e, perto das rêdes, envia um forte remate, que Viegas não consegue parar. Uma grande ovação sublinha o primeiro ponto do Bemfica.

Os setubalenses procuram desempatar e vão até á defeza do Bemfica, mas não logram efeito, e a bola volta de novo para o seu campo. Os «vermelhos», que estão jogando bem, aproximam-se novamente. Ribeiro foge, por seu turno, e marca o segundo ponto. Pouco depois, novo ataque e Rufino toca na bola. A. Augusto aproveita para marcar o terceiro ponto. O Vitória agora desorienta-se por completo, apezar das fugidas que faz do perigo ao campo do Bemfica. O tempo passa e Pimenta marca o 4.º, e em seguida Ribeiro o 5.º e ultimo, para o activo do Bemfica que assim fica apurado para a «final».

No conjunto, o desafio foi, por vezes, animado, mas sem grandes fases de associação na primeira parte, melhorando na segunda, no «team» do Bemfica. Dos jogadores do Bemfica, bem, todos, na segunda parte; na primeira fraquejou um pouco Bastos. Do Vitória pena foi que se desorientassem tanto, pois só a isso devem o não terem marcado pontos. Viegas, apezar de estar numa das tardes mais infelizes que lhe temos visto, foi o melhor do seu «team», embora as bolas entradas fôssem de difícil defeza.

Casa Pia contra Sporting

São 15,20. O publico enche por completo o campo, dando-lhe um aspecto devéras interessante, pois mostra como o «football» tem creado adeptos entre nós. No rectangulo do jôgo, alguns soldados da guarda, a cavalo, de espada em punho, fazem sair os espectadores que transpuzeram a vedação contra as suas ordens. Um sargento do exercito discute a ordem, metendo-se no serviço dos soldados; um official da guarda, que vê, dirige-se ao sargento e tira alguns apontamentos, dizendo aos soldados que cumpram simplesmente a ordem que o director do campo lhes deu. Serenados estes pequenos incidentes, entra no campo o Casa Pia, entrando pouco depois o Sporting. Rogerio dá inicio ao desafio. No Sporting faltam Ferreira, Jaime e Bailão, que não são muito bem substituidos. O jôgo principia, saindo o Sporting, que perde a bola em seguida, tentando o Casa Pia uma avançada, que tambem não surte efeito. Os «leões» passam em seguida ao ataque, conduzindo uma avançada que termina por um magnifico centro de Torres, que é mal aproveitado. Gralha e Loureiro combinam e atrapalham J. Francisco e passam a Rosmaninho; este perde e Jorge despacha. Oliveira grita aos seus jogadores—o que faz má impressão e não consegue melhorá-los. O esférico vae deslizando dum para outro lado. O desafio embora não esteja com grandes fases de combinações, está bastante energico. Armando tem um bom remate, que, sendo repelido é por ele novamente rematado. Os «casa-pianos» supõem que as suas rêdes vão ser emfim furadas, mas a bola passa rente á trave de cima e o susto passa. Pouco depois, Rosmaninho tem tambem um bom remate. Amadeu defendeu bem as rêdes do Sporting. O fim da primeira parte surpreende-os em 0 a 0. Alguem, a nosso lado, vaticina ao Sporting a mesma sorte do Vitória e aposta-se forte. Mas o apito ouve-se de novo e recomeça o jôgo, que se torna agora mais perigoso para os «leões». Jorge procura estar em todos os pontos, multiplica-se para aliviar o seu campo da pressão do Casa Pia, mas Gralha, depois de uma avançada impetuosa do seu «team» recebe de Lopes uma passagem, depois duma confusão junto aas rêdes do Sporting, e marca muito bem o primeiro «goal».

A bola vem ao centro e tem-se a impressão de que os leões vão empatar, mas são repelidos para o seu campo e voltam ao ataque. Filipe, que corre bem, engana Pinho e aponta forte e sesgado a meia altura. Guerra, mal colocado, não terá tempo de defender, mas a bola ao chegar perto das balizas (parece que para arreliar os «leões») faz um pequeno desvio, passa junto, mas para fóra. O esférico continua impelido dos pés do Casa Pia para os do Sporting e destes para aqueles. Os pretos (na «équipe») marcam o segundo «goal», já quási no fim. O Sporting põe em perigo as rêdes do Casa Pia, mas por fim J. Francisco consegue no ultimo minuto o unico ponto para o Sporting, e o desafio termina com a vitória do Casa Pia por 2-1 e ficou apurado para disputar ao Bemfica a taça «Associação».

O desafio foi razoável e muito energico. Dos jogadores do Casa Pia, o mais fraco foi Lopes, talvez por estar ressentido da doença; os restantes, bem. Do Sporting, bem, Jorge, Amadeu e Torres Pereira; os restantes, trabalhadores. Crêmos que o capitão do Sporting devia passar definitivamente João Francisco para avançado, pois cada vez nos convencemos mais de que é ahi o seu lugar. A arbitragem de Rogerio Peres, nos dois desafios, posto que imparcial, não foi das melhores; já o temos visto superior.—J. L.

COLISEU DOS RECREIOS
COMPANHIA ANTONIO DE MACEDO
Duas sessões
A'S 8 HORAS E ÁS 10 HORAS
TIC-TAC
Ultima noite tal como está actualmente
O unico, uteatico sucesso da temporada
Inumeros atractivos em que se salientam
RICO & ALEX
(PORTUGUESES)
por Carlos Leal e Alvaro de Almeida
Oportunissimas piadas politicas pelo «compere» ALBERTO GHIRA e pelo celebre 1001 (Novo dono disto tudo). Exito enorme de SALAMBÓ nos seus novos «couplets». Lindos fados por Zulmira Miranda.

DR. ARMANDO NARCISO
Clinica medica
Travessa Nova de S. Domingos, 9 (á Rua do Amparo)

"DIARIO DE LISBOA"
Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril.

TEATRO NACIONAL
Telefone E. 2049
Outra noite de entusiasmo
HOJE, ás 8 1|2 (20,30 horas) prefixas
A peça historica de Grandioso sucesso em 5 actos, e em verso, original de D. João da Camara
D. AFFONSO VI
Brilhante montagem scenica, completamente nova—Primoroso desempenho, a cargo dos principais artistas da companhia
Para outros detalhes, ler o cartaz
O espectaculo começa, rigorosamente á hora marcada, e termina á meia noite

Empresa Henrique Barreiros, Ltd.
EDEN-TEATRO
C.ª Nascimento Fernandes
A'manhã, terça-feira, 1
1.ª representação
PAU DE DOIS BICOS
Fantasia revista de Henrique Roldão, Roberto Sales, musica de Wenceslau Pinto e Raul Portela
Bilhetes á venda

TEATRO CHIADO TERRASSE
COMPANHIA LUZ VELOSO
EXTRAORDINARIO SUCESSO
HOJE — A celebre peça italiana em 3 actos de Sabatino Lopes, tradução de Mario Duarte e Alberto Morais.
MARIO E MARIA
Os principais papeis por *Luz Veloso, Teodoro Santos* e *Rafael Gomes*.

TEATRO SALÃO FOZ
Empresa Artur Emauz
1 de novembro estreia da companhia
OTELO DE CARVALHO
A revista em 2 actos e 10 quadros
BICHINHA GATA...
Original de Ernesto Rodrigues, João Bastos, Felix Bermudes & Lino Ferreira, musica de Wenceslau Pinto e Julio Almada.
Deslumbrantes apoteoses de Luis Salvador. —Esplendidos scenarios, tambem de seguro efeito, de Joaquim Viegas, José de Almeida, José Mergulhão, Renda, Serra & Amancio e Rogerio Machado
Bilhetes á venda

AOS AGRICULTORES:
Adubos de baleia radioactivos
H. B. C.
Unicos no seu genero
Conveem aos agricultores por serem os unicos completos em tudo. Ricos em elementos nobres e substancias uteis, indispensaveis ao completo desenvolvimento das plantas, garantindo colheitas abundantes.
O seu poder nitrificante e insecticida é incontestavel, estando destinados a fazerem um verdadeiro sucesso na agricultura.
Fornecemos adubos especiais para todas as culturas de campo, horta e jardim, tendo prontas a expedir todas as nossas formulas especiais.
Pedidos ao nosso escritorio:
Secção de Adubos
HENRY BURNAY & C.ª
10, Rua dos Fanqueiros, 1.º—LISBOA

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES

"D. AFONSO VI", NO TEATRO NACIONAL

COMO FOI REPRESENTADA, EM "REPRISE", :-:-: A PEÇA DE D. JOÃO DA CAMARA :-:-:

Fomos ante-ontem ao Nacional ver o «D. Afonso VI», de D. João da Camara, menos com a curiosidade de espectador que deseja situar as suas sensações acima da vida vulgar, que com a esperança de encontrar, num trabalho genuinamente português, um simples bater de azas da alma de Portugal.

Não perdemos o nosso tempo.

Nos belos alexandrinos do poeta passa efectivamente um fulgor lusiada, um deslumbramento heroico, que os nossos sentidos, macerados pela ladainha das nossas muitas desgraças, saudaram, como fazem os cativos, quando, por uma simples carta, recebem uma mensagem do sol esplendido da sua terra natal.

Pairava, na sala do Nacional, uma vaga ternura, um som de saudade: o publico rememorava a noite distante em que D. João da Camara jogara, entre entusiasmos e duvidas, a sua pena de escritor e a sua inspiração de poeta.

Teria o «D. Afonso VI» perdido o seu encanto em três dezenas de anos?

Poderiam os espectadores de hoje sentir-se tão deliciados como os da *première*?

Alguem, em quem vive, num canto de paixão, a memoria do passado, disse-nos:

— «Você não calcula a tristeza que eu vou ter, quando subir o pano. Estão quasi todos mortos os ilustres actores que animaram o sonho de D. João da Camara, impondo o seu triunfo, á fôrça de engenho e arte. A vida, de então para cá, parece ter andado tão depressa, que nós temos dificuldade em distinguir as imagens dos vivos das dos extintos.

«Quando Eduardo Brazão surgir no palco, não saberei com certeza averiguar se eu mergulhei trint'anos na eternidade, se a eternidade alagou as horas efemeras e tragicas em que nos achamos! Recordar é sempre bom, sobretudo, para mim, que, para poder tranquilamente manter a fé no nosso futuro, tenho de andar pelos seculos fora, a fim de, em comunhão com os tumulos, adivinhar os incertos roteiros de Portugal.»

O primeiro acto evoca, com mão de mestre, a época da restauração — batalhas, em que fulguram as virtudes da raça, aventuras de capa e espada, as intrigas e ambições da côrte, tipos sem moral e mulheres de todos os leitos, vinho e loucura, orações e pragas, amores santos e amores venais, fanfarrões e valentes sem temor. Simão Peres — uma possilga em que só vegetam ignominias e vicios sordidos; Braz—um aleijão de corpo e alma, que o reconhecimento sublima; D. Afonso VI — carregado de taras, oscilando entre o dever e a crapula, sem lar e sem carinhos, tipo de tragedia e tipo de entremês, umas vezes erguendo-se para segurar nos seus braços a ventura que lhe foge, outras rojando-se na lama para evitar o tormento de ter um nome; a Calcanhares—corpo de orgia e de negocio, ardente como um licor, falsa como os seus beijos, bela para poemas e punhais; Madalena — aspiração dum peito que se ergue tão alto que cai ferida de morte, sem poder contar, senão a Deus, a historia do seu martirio; Castelo Melhor—a mente construtora duma Patria que os biltres e os Judas venderiam por quaisquer dinheiros, á porta da primeira taberna, lutando para vencer o castelhano e amparar o rei contra a sua sina morbida, desvairada; o Infante — um poltrão que o amor fez abjecto e que a covardia tornou capaz de rir sobre a desgraça do irmão.

Depois destes, os de maior vulto, outros se anunciam habeis na arte de enganar e conspirar — frades e jesuitas, duques e condes, juizes e beleguins.

No segundo acto, surge a rainha, que se dirige a Castelo Melhor:

— «Ousais assim falar perante uma Rainha!».

Pratica a hipocrisia como arma predilecta: é a alma danada da conjura. O marido repugna-lhe como um monturo, sorrindo-lhe sómente para o perder. O cunhado é o enlevo do seu coração maculado, o instrumento do seu resgate. Vinda de França, fina e fragil com um Saxe, agrosseirou-se, perdendo o sentimento da sua altura regia.

No terceiro acto, quando, sedutora na sua invenção de idilio que renasce das ruinas, pretende levar o marido a alijar Castelo Melhor, ela entremostra, num momento de verdadeira graça feminina e felina, que não desconhecia os filtros de Circe. O rei oferece-lhe joias ela oferece-lhe a sua cama.

Vai renascer a paz entre os dois? Não. Ela mentira como um veneno entre flores. E' a Calcanhares, que Simão Peres vem trazer á camara real, quem se encarrega de converter em gula e luxuria o desalento do pobre Afonso, vitima da sua corôa de espinhos. Soberba a scena em que Castelo Melhor abandona o rei ao seu destino...

No quarto acto, eis-nos na portaria do convento da Esperança, onde se refugiou a Rainha e onde expira Madalena. Rico trabalho de scenografia, em nada inferior ao do primeiro acto. A multidão dos pobres, á espera do caldo, que soror Benedita distribue, agita-se entre manchas e farrapos, fazendo da miseria e da dôr humanas a degradação das degradações. E' o aspecto mais pictural, amargo e truculento da arte suprema de D. João da Camara Simão Peres revela-se ainda abaixo da sua baixeza. O rei aparece: é já espectro e não homem. Todos lhe fogem, parecendo que até a sua propria sombra vai deixá-lo. Que veiu ele procurar? Alguem que parte para a cova tão pura como as estrelas—Madalena.

—«Oh minha doce amada!».

A exclamação gela-se-lhe nos labios, porque, no cortejo mortuario, vê passar tambem a Rainha. Tambem esta lhe fugira! Era a consumação do seu mau destino. Aproximava-se a derrocada que se desenvolve como uma torrente por todo o quinto acto que termina num dialogo de grande perdão entre D. Afonso e Braz, o proscrito da alegria.

Pena-nos que não fosse possivel despertar do seu sono algido e sepulcral os que em 12 de Março de 1890 venceram a desconfiança duma plateia que não queria que o teatro fosse feudo de fidalgos. Temos pena de o dizer: no Nacional diz-se, recita-se e declama-se muito mal. Chega a ser arrepiante que a musa de D. João da Camara não encontrasse piedade, entre homens e senhoras de tão bom nome. Brazão, porém, sempre igual a si mesmo, persistiu na posse da sua gloria, talhando a seu talante o reino do seu verbo e do seu gesto. Ilustre actor que não perde o sentimento da propria grandeza. Joaquim Costa, num á vontade em que só ele pode aguentar-se, sem se vulgarisar.

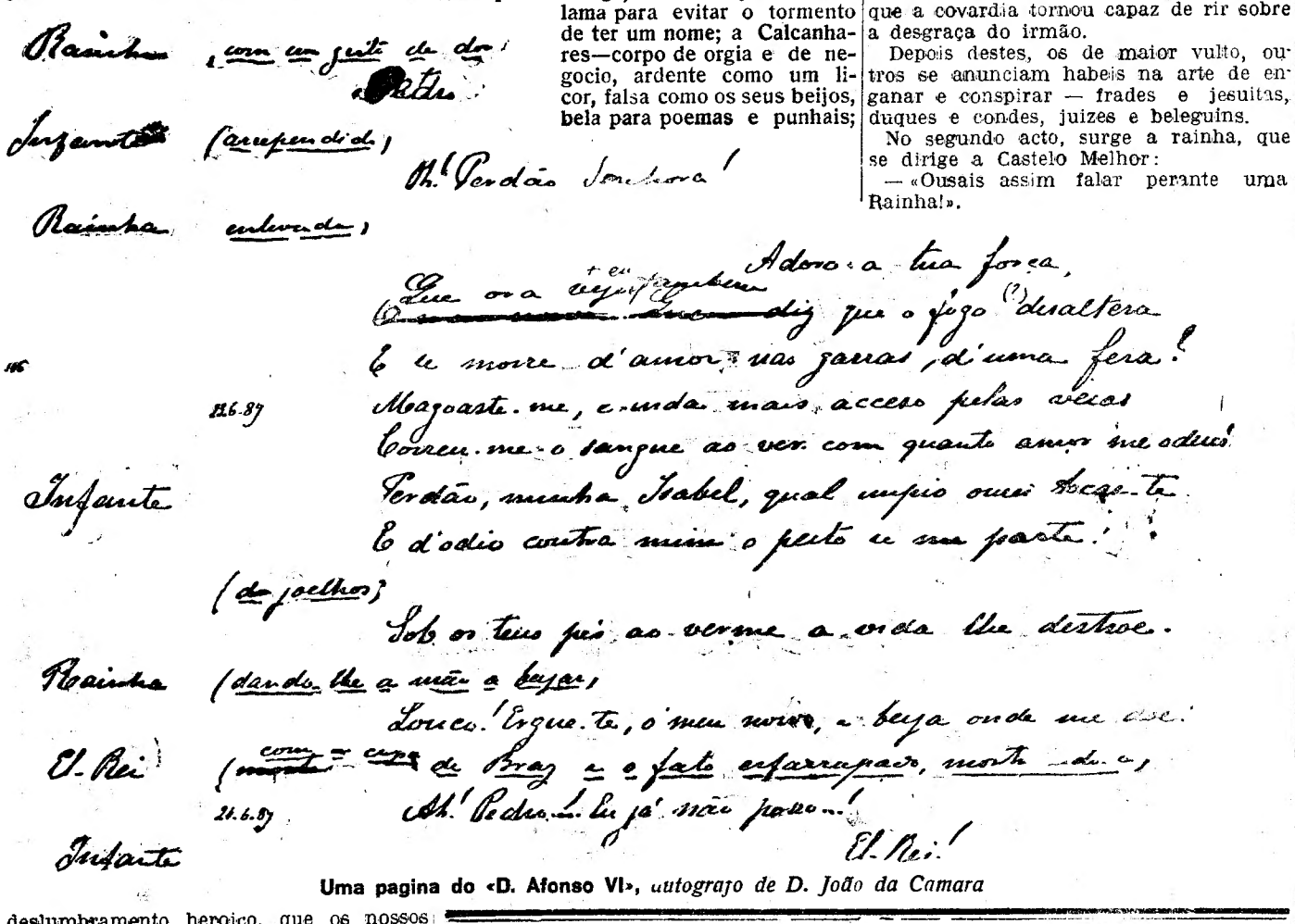
Rafael Marques compoz com bastante felicidade o papel de Castelo Melhor, nunca consentindo em se diminuir no orgulho pomposo de discorrer em nobres alexandrinos. Luiz Pinto deu algum lustre e garbo ao Infante. Lucinda do Carmo, reliquia dos tempos aureos, foi a mestra veneranda e querida.

Ilda Stichini, que arcou com as responsabilidades do papel de Rainha, venceu em *ré menor* o problema de a encarnar. A sua muita graça conseguiu espalhar poesia onde o mal acarvoava rostos e envenenava palavras. O publico ouviu-a deliciado, percebendo bem que ela não podia ser mais rainha, a não ser que se fizesse má pessoa.

Eduardo de Freitas recitou bem, destacando-se na confusão dos outros que atiravam os versos como pedradas.

A viuva de D. João da Camara, que se achava numa frisa, recebeu de todo o teatro uma ovação unanime, convicta, ardente e profunda que poz lagrimas nos olhos de muita gente!

GLAUCIAS



Uma pagina do «D. Afonso VI», *autografo de D. João da Camara*

NO CHIADO TERRASSE

"Mario e Maria", 3 actos, de Sabatino Lopes, versão de Alberto Morais e Mario Duarte

Suponha o leitor que está em Veneza, a Veneza das Gondolas, das serenatas, dos artistas e a Veneza duma mulher original, que se veste de homem e tem uma roda de amigos. *Mario e Maria* é uma comedia ligeira, uma comedia sentimental, que se ouve com agrado—na versão directa do ithaliano, dos srs. Alberto Morais e Mario Duarte.

O entrecho gira todo em volta duma mulher, que pretende ser homem e que, em ultima analise, é mais mulher do que as outras mulheres.

Maria instala-se num palacete de Veneza, com o seu milhão de liras, a sua beleza e o seu grande desejo de ser Mario. Frequentam a sua casa alguns rapazes de espirito (não têm, mas deviam ter). Entre eles, conta-se o pintor Fressi—que é disputado pela baroneza de Krubelick, uma antiga bailarina que casou com o barão do mesmo nome. Maria, sem o sentir, apaixona-se tambem por Fressi—um artista que tem um grande partido entre as mulheres. E depois de algumas peripécias—que o leitor conhecerá indo ao Chiado-Terrasse—Fressi surpreende-se por ver em Mario uma mulher apaixonada e o publico sai satisfeito, adivinhando o seu proximo casamento.

* * *

No desempenho, Luz Veloso (Maria) ocupa o primeiro logar. A sua desenvoltura, a sua correcção, a naturalidade com que representa dão-lhe direito a considerar-se uma primeira actriz.

Maria Clementina (baroneza de Krubelick) representou o seu papel com intenção e com distinção. Alice Pereira fez uma *Luciana* muito simpatica.

Teodoro Santos (barão de Krubelick) desempenhou-se o melhor possivel, pondo sempre uma grande correcção e uma linha de grande senhor, no seu papel de conselheiro da corôa aposentado.

Rafael Gomes (Fressi) representa com naturalidade, deixando a plateia bem disposta.

Das figuras secundarias, há uma que merece registo especial: Abilio Alves (Bianchi). E' muito menos Simões Carneiro que Alfredo Froes e Augusto Cruz. Tem, sobretudo, uma bela voz—que está a pedir um palco de opereta.

Joaquim Miranda (Provedon), desempenha-se de modo a não desagradar excessivamente. Nos seus cincoenta anos é que ninguem acredita.

* * *

Mario e Maria foi posta em scena com grande cuidado, não se poupando a empreza a despesas. O novo teatro, que foi inaugurado na sexta-feira, tem condições para ser um dos mais bem frequentados de Lisboa.

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Crianças

Manhã de verão. Um quarto de dormir, numa grande casa de campo. Mobilia antiga, janelas abertas sobre uma vasta quinta. Ela, trinta anos, olhos meigos, feições doces e firmes, roupão claro. Ele, nove anos, calção e blusa de *kaki*, rosto queimado e vivo, graça e robustez.

ELE—O' mãesinha quando é a garraiada?
ELA—No domingo, disse o teu pai.
ELE—E os primos entram?
ELA—Decerto. E tu tambem.
ELE—Os garraios são muito grandes?...
ELA—Tens medo?
ELE—E a mãesinha não tem medo que me aconteça alguma coisa?...
ELA—Tenho muito mais medo de que sejas medroso... E depois, quando ninguem pensava em que tu entrasses, por seres muito pequeno, tu disseste que entravas, que nãotinhas medo nenhum...
ELE—Disse... por brincadeira... Mas depois, quando estavam a combinar, eu já não queria...
ELA—E lembraste do que teu pai respondeu?...
ELE—Lembro. Respondeu: você disse que entrava. Ha de entrar.
ELA—E tu não entendes a grande lição que teu pai te deu em tão poucas palavras?
ELE Não sei ..
ELA—Teu pai ensinou-te a ter coragem e a ter palavras para não seres fanfarrão.
ELE—Então eu sou fanfarrão?...
ELA—Foste, dizendo que entravas, que não tinhas medo, quando realmente estavas receoso e sem tenção de entrar. Ora eu não via inconveniente, antes disso, em que a garraiada se fizesse sem ti. Tens nove anos, não achava necessario começares tão cedo. Agora, sou da opinião de teu pai. Deves entrar, para aprenderes a ter caracter.
ELE—E como é que eu aprendo a ter caracter, na garraiada?
ELA—Aprendes, cumprindo a tua palavra, mesmo com sacrificio, e empregando força de vontade para dominar o medo que sentes. Olha, meu filho, os pais nunca devem fechar os olhos a pequeninas coisas, que parecem creancices, mas que se tornam grandes defeitos depois, e mais tarde, muitas vezes, desgraças ou vergonhas. Um rapaz deve aprender a ser homem desde pequeno, não nas doutorices, mas na coragem, na lealdade, na firmeza. Um pequeno medricas, mentiroso, fraco de espirito, nunca será verdadeiramente um homem.
ELE—O' mãesinha, mas eu não sou medricas! Já tenho montado no cavalo preto, que é bravo, e não me assustei quando vieram os ladrões á quinta... Na garraiada é que... como nunca entrei... mas não tenho medo.
ELA—Nem tens razão, porque, com certeza, só te mandam fazer o que fôr possivel para a tua idade e para a tua força. Cumpres a tua palavra e mostras que não és poltrão. E' quanto basta. Dize-me uma coisa: não ficavas envergonhado se não entrasses?...
ELE—Ficava...
ELA—Pois ahi tens. Um rapaz de bem nunca deve faltar ao que promete, negar o que disse, ou deixar de fazer o que afirmou. Seja no que fôr, seja com quem fôr. E' um principio de dignidade.
ELE—Mas o primo Chico prometeu casar com a Alice e não casou.
ELA—Fez muito mal.
ELE—Em não casar?...
ELA—Não. Fez mal, principalmente, em prometer. Em todas as acções da nossa vida devemos consultar o coração e o raciocinio, reflectir muito e só depois resolver. Quando se resolve, quando se promete, cumpre-se. Seja com amigos, seja com indiferentes, seja em sentimentos, seja em negocios. Eu nunca mais estimei o Chico.
ELE—Mas fala-lhe?...
ELA—Falo-lhe por que sou da familia e por que sou cristã, mas não o trato com amisade. Percebes? A verd deira importancia que se dá a alguem está na amisade ou no apreço que lhe manifestamos. Tratar bem é uma questão de polidez e de religião.
ELE—O Chico disse, outro dia, que a minha mãe era muito severa.
ELA—Severa?... Talvez... Mas não sou injusta. Queria, sobretudo, dar-te bem a noção do que é a dignidade viril. Lembras-te dos cavalos castanhos que teu pai vendeu?
ELE—Lembro. Aqueles grandes, que puxavam ao «breack»?
ELA—Sim. Pois o homem que os comprou veiu aqui de manhã e combinou o negocio com teu pai, por uma certa quantia. Teu pai disse que sim e o homem ficou de vir no outro dia trazer o dinheiro. A' tarde veio outro e ofereceu muito mais...
ELE—E o pai que fez?
ELA—Disse-lhe que estavam vendidos.. Ficou prejudicado, mas cumpriu a sua palavra. Ter palavra, ter lealdade, é isto.
ELE—Então ter palavra e ter lealdade é uma coisa que dá prejuizo?
ELA—Nem sempre, meu filho, mas é uma coisa que se deve ter mesmo quando prejudique. Um homem sem palavra, sem caracter, pode enriquecer, alcançar situações importantes, mas não merece respeito, nem estima, nem confiança e, por muito inconsciente que seja, deve senti-lo e no fundo não é feliz. Mas isto é que já é muito complicado para ti.
ELE—Eu percebi, minha Mãe.
ELA—A's vezes esqueço-me da tua idade, tão depressa vai o meu pensamento no desejo de tornar-te um homem de bem. Desejo tudo para ti, mas principalmente isso, meu amor. Queria que fosses um bonito rapaz, inteligente, instruido, rico, mas reconheço que nem todos podem ter esses bens, muito agradaveis, mas não absolutamente necessarios. As qualidades morais, que tornam o homem forte, generoso, recto, incapaz de más acções e de covardias, essas é que são o verdadeiro fundamento da familia e da sociedade, essas é que os pais têm obrigação de dar aos filhos...
ELE—Mas se os filhos forem maus?...
ELA—Não sendo uma criança excepcionalmente perversa, ou doentia, dessas que parecem um castigo de Deus, é sempre possivel educar, modificar, elevar, corrigir. Se tu fosses, mais tarde, um homem sem qualidades, sem sentimentos, sem palavra, eu pensaria sempre que o culpado não eras tu...
ELE—Então quem era?
ELA—Era eu, meu amor.

Maria de Carvalho

A EVOCAÇÃO DE DUAS TRAGEDIAS

A SOMBRA DE JOÃO FRANCO

O REGICIDIO DE 1908 E O FUZILAMENTO DO ARSENAL

O amigo do rei Carlos vai, em saudação, vizitar o amigo de Antonio Granjo

João Franco, com os senhores sabem, já não existe para a politica. Há treze anos, os tiros do Terreiro do Paço cortaram simultaneamente a vida do seu rei e as suas ambições de homem publico. Recolheu ao Alcaide, a pequena povoação assente nos contrafortes da serra da Gardunha, que o *reporter* acaba de passar em revista num passeio curto, e ali, onde os rumores da civilização chegam muito esbatidos, calada a voz dos homens pela voz da Natureza, o engrandecedor do poder real por decisão própria adelgaçou a sua individualidade, que foi grande, e ganhou raizes, ainda hoje com seiva, nas oito provincias de Portugal, ao ponto de hoje constituir uma sombra em que só a evocação cuidada dos sucessos de ontem, póde adivinhar o ditador teimosamente beirão, que soube ser hábil sem deixar de ser rigido. João Franco, limitada a sua vida ao trato e amôr das suas terras, vivendo feliz por graça da sua dôr robusta de treze anos, no silencio monacal da moradia modesta que algumas, poucas, casas rusticas, limitam a nascente, e uma torre quadrangular, batida pelos anos no seu granito, em que há pouca lavra de canteiro, fecha ao poente, recebeu o jornalista em reconfirmação do desejo de levar o misterio das suas apreciações deste periodo turbulento da vida portugueza, para a sepultura. Sessenta e seis anos—foi a edade que nos confessou. Mas está forte, muito forte ainda, nobre, num aprumo de perfil em que há o velho geito de quem frequentou os conselhos da corôa. A voz, cheia de firmeza, conserva a inflexão regional que as gazetas do tempo comentaram e é num tom cheio de simplicidade que ele conversa cinco minutos com os dois jornalistas, que a necessidade de atender o publico, em boa hora, arremessou para essa *cova da Beira*, em que a frescura, a suavidade da vegetação—uma vegetação de um verde claro, um verde muito uniforme, que o outono ainda não queimou — formam contraste com a massa, serenamente imponente, da Serra da Estrela que, ao longe, ainda depois do casario branco da Covilhã, que se adivinha no reconcavo de um contraforte, barra o horizonte.

* * *

O scenário da entrevista por João Franco concedida, não tem imponencia. Uma sala, modestamente burgueza, em que há a comodidade de alguns *sofás* e o confôrto de arte de um piano de fabrico antiquado. O chefe do governo do rei Carlos, em casaco-*pyjame*, responde á solicitação que Paulo Freire, dos dois jornalistas o mais velho, lhe dirige:

—Uma entrevista? Mas não, não dou. Tenho as recusado a toda a gente. Recuso. Não digo nada.

Nas palavras há uma resolução inabalavel. Porém, são pronunciadas num tom de gentileza. Insiste-se:—Mas não é a politica que aqui nos traz. Os acontecimentos... Há pontos de contacto...

—Novamente, não. Eu já era politico antes de os senhores serem jornalistas. E um homem publico, quando fale ao seu paiz, embora trate de assuntos muito diferentes, acaba sempre por cair na politica. Sempre assim...

—Mas o sr. Cunha Leal? Um procedimento tão nobre...

—Bem sei. Mas não quero contribuir para aumentar as discórdias que dificultam a vida da nacionalidade. Jurei a mim mesmo permanecer silencioso. Em tempos, acusaram-me de teimoso. Pois bem; desta vez, levarei até á sepultura a minha teimosia. Sou portuguez. Quando no estrangeiro, defendo sempre o bom nome de Portugal. Este ano semeei mais trigo que o ano passado. Considero-me um bom cidadão.

Mais algumas palavras de desculpa. Os *reporters* reparam no termo *cidadão*, que revela transigencia perante o regime ou, pelo menos, o reconhecimento do facto consumado, e não aceitam o convite que, hospitaleiramente, se lhes faz para almoçar. A conversa está terminada. João Franco, melhor, a sua sombra, acompanha-nos até á escada. Há uma porta que se fecha. A morte do homem publico recomeçou. Fica o lavrador. O amigo do rei morto em 1908, vae continuar na execução plena da sua regra de monge sem hábito e sem cela.

* * *

Nisto tudo há um pormenor curioso que encerra um valor grande: Cunha Leal vizinho sem relações com o morto moral de 1908, recebeu-lhe a visita dias depois de chegar ao Alcaide. Aquele entrechocar de duas tragedias, foi condimentado com poucas palavras. As feridas da alma tocaram as do corpo e, naquele momento, Carlos de Bragança e António Granjo viveram irmanados na mesma evocação, num só charco de sangue. A um lado, diluida em sombra, há uma carruagem real, que dois homens assaltam; tiros, cavalos desbocados, gente que corre aflitivamente, dois moribundos e uma mulher que defende o seu companheiro com um ramo de flores. Do lado contrário, outra tragedia surge, mais sinistra, mais fria na ferocidade dos assassinos, que não têm o fanatismo de um ideal a impulsioná-los; espingardas que se apontam em gestos de morte, fardas honradas por muitos seculos de heroismo e que naquele momento roçam a lama da ignominia, um homem que sabe morrer com palavras em que não há ódio mas onde surge a altivez de uma consciencia sem mancha. E' uma visão em que, por fim, só fumo e sangue se divisam. Ficam dois homens. João Franco e Cunha Leal. Ambos fugiram ao mundo. As feridas do segundo, em cicatrização, estão prestes a fechar; é possivel que volte a viver a politica deste paiz, em que só se admitem inteligencias de trinta centimetros. As do primeiro, rasgadas mais ainda pelos crimes do mez que finda, só desaparecerão no dia em que a sombra de João Franco, o bom amigo do rei Carlos, descer em tranquilidade á paz do tumulo que, no cemiteriosinho rustico, de Alcaide, há treze anos, o desafia ao repouso...

L. CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

Expedição de malas postais

Pelo «Roma» são ámanhã expedidas malas postais para os Açores e New York, sendo ás 13 horas a ultima tiragem da caixa geral e fechando os registos ás 11.

Exames na Escola de Arte de Representar

Foi decretado que se realisem exames de admissão á Escola de Arte de Representar, de harmonia com os programas da 4.ª classe do ensino primario.

O assassinio do dr. Pedro de Matos

Como o *Diario de Lisboa* previu, o julgamento dos inculpados do assassinio do dr. Pedro de Matos terminou com a absolvição de dois deles. Um dos absolvidos, Diogo Homenio Junior, não teve testemunhas de acusação, provando-se de forma completa a sua absoluta inocencia.

Conselho de ministros

O conselho de ministros reuniu hoje de tarde na secretaria do interior.

OS TEATROS

Atraz do repositeiro

A «coupletista» que, possivelmente, substituirá na revista «Tic-Tac», no Porto, a sua colega Anita Salambó, será Carmen Vicente.

—Carlos Leal e Alvaro de Almeida cobram todas as noites, pelo seu numero «Rico & Alex» (português), como se fosse um numero de variedades, 50$00 cada um.

—O negocio de teatro que o nosso colega de imprensa Alberto Barbosa vai tratar ao Porto, é qualquer coisa de interessante, dando lugar a colocar um numero razoavel de artistas desempregados.

—Entrou hoje em ensaios no Nacional a peça francesa «Maison Cernée», traduzida pelo brilhante jornalista José Sarmento.

—Além do «D. Afonso», ainda esta epoca se representarão, no Nacional, mais as seguintes peças historicas: «Alfageme de Santarem», «Duque de Viseu» e o «Regente».

D. João da Camara, *segundo uma esplendida caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro*

—Só na proxima quarta-feira se fará a inauguração do Salão Foz, com a revista «Bichinha gata», desempenhando os primeiros papeis a gentil actriz Laura Costa.

Réclames

S. CARLOS—A peça «Jerusalem!», levada á scena pela companhia Amelia Colaço-Robles Monteiro no teatro de S. Carlos, e a que toda a imprensa se referiu nos termos mais lisongeiros, está chamando áquele teatro todo o publico de Lisboa, que aplaude entusiasticamente os seus interpretes pela correcção do desempenho dos seus papeis e que fica maravilhado pela magnificencia dos seus scenarios. Não ha duvida de que «Jerusalem!» marcou como uma das obras-primas do nosso teatro.

NACIONAL—Nestas ultimas noites tem-se esgotado a lotação, vendendo-se até o ultimo bilhete. E' um acto verdadeiramente significativo esse do publico, afluindo ao elegante teatro, manifestando assim o seu agrado pela peça historica «D. Afonso VI».

GIMNASIO—Está já efectuando as suas despedidas definitivas «O celebre Pina», embora as suas recitas continuem contando-se pelas enchentes. Motiva a retirada o facto da empresa ter de cumprir o seu programa da assinatura, e por isso é que para muito breve anuncia a «première» da graciosa comedia «Maridos encravados», cujos ensaios estão quasi concluidos. Hoje, para alegria de quantos forem ao Gimnasio, ainda ali se repete «O celebre Pina».

AVENIDA—Espectaculo cheio de alegria, movimento e côr só a linda opereta «Flores da noite», que continua a ser a grande peça da moda e o maior sucesso desta temporada.

EDEN-TEATRO—Já não se realiza hoje a inauguração da epoca de inverno no Eden-Teatro, com a estreia da companhia Nascimento Fernandes e primeira representação da fantasia-revista «Pau de dois bicos», por ainda não estar concluindo o guarda-roupa da Empresa de Materiais de Teatro Ltd.

SALÃO FOZ—Espera-se que seja ámanhã a inauguração da epoca de inverno, no teatro Salão Foz, a qual vai efectuar-se com a «première» da revista em sessões «Bichinha gata...», de que são autores Ernesto Rodrigues, João Bastos, Felix Bermudes e Lino Ferreira. O primeiro quadro da peça, cujo scenario é de Renda, Serra e Amancio, intitula-se «Do ceu te venha o remedio».

COLISEU DOS RECREIOS—Da companhia de circo, que se estreia no Coliseu dos Recreios no proximo dia 5, além dos numeros equestres que já ha muitos anos não veem a Lisboa, fazem parte os mais engraçados «clowns» que se teem exibido pelos circos estrangeiros, dois dos quais são muito conhecidos e apreciados pelo nosso publico, e outros artistas cujos trabalhos hão-de causar grande sensação.

—APOLO—Anunciam-se para breve grandes surprezas na revista «Gato por lebre», um dos maiores sucessos dos ultimos tempos.

CHIADO-TERRASSE—A interessante peça «Mario e Maria» continua atraindo grande concorrencia á elegante «boite» da rua Antonio Maria Cardoso.

A CIDADE

PARA A HISTORIA

Um curioso e inedito relato sobre os ultimos acontecimentos

O sr. Augusto Gomes conta o que viu no Arsenal na noite tragica de 19

Como Cunha Leal foi salvo—A residencia do chefe do Estado guardada por dois policias—A tripulação da "camionette„ fantastica—O cadaver de Machado Santos—Um "chauffeur„ que chora

Do sr. Augusto Gomes, emprezário do teatro Apolo, recebemos a carta que abaixo publicamos, a qual vem aclarar parte dos acontecimentos trágicos que se desenrolaram em Lisboa, na noite trágica desenrolaram em Lisboa, na noite de 19:

«*Sr. Director*:—A' lealdade da imprensa portugueza venho acolher-me para evitar que em volta do meu nome se continuem fazendo especulações. Até agora calei-me pelo horror duma notoriedade publica que nunca desejei e pelo natural melindre de dar ao pasto de levianos comentários, pormenores de certa intimidade que, afinal as circunstancias me forçam a desrespeitar, porque assim o exige o meu dever de deixar aos filhos o nome honrado que sempre tenho uzado. Rogo a V. a fineza de publicar esta carta—expressão da verdade dos factos em que me vi envolvido na trágica noite de 19. Trata se do crime de assassinio de que foi vitima Machado Santos.

O que se passou no Arsenal

Na referida noite, com o triunfo da revolução já assegurado, cêrca das 21 horas, fui levar de automóvel a sua casa, em Pedrouços, o meu amigo sr. Luiz Cesar de Lemos. Voltando a Lisboa, ao passar pelo Arsenal de Marinha, ouvi dizer que ali se encontrava ferido o capitão Cunha Leal, de quem sou intimo amigo e sincero e profundo admirador. Desci do carro e entrei no edificio em busca e em auxilio do ilustre oficial que se encontrava no 1.º andar das instalações do oficial de serviço. Trouxe-o então comigo para o levar ao Hospital. A' porta já, encontrámos os srs. tenente Agatão Lança e dr. Jacinto Simões, chefe do gabinete do sr. ministro do Interior, os quaes falavam á marinhagem, pedindo calma. Os marinheiros romperam então em manifestações carinhosas a Cunha Leal, afirmando alguns que só por engano podia ter sido ferido, e outros, garantindo que o marujo que atirara ao capitão fôra por eles sovado como merecia.

Foi no meio duma balburdia indescritivel que conseguimos fazer entrar o ferido no automóvel que esperava, e que nos conduziu ao Hospital de S. José, onde fiquei junto de Cunha Leal, emquanto se tratava, ao passo que os srs. Agatão Lança e dr. Jacinto Simões se dirigiam ao Arsenal, no propósito de salvarem a vida ao malogrado dr. António Granjo. Chegaram tarde ao Arsenal. Voltaram a S. José; e todos nós, depois de Cunha Leal convenientemente tratado, o fômos levar a casa.

Quando no Largo do Pelourinho metiamos Cunha Leal no automóvel, eu ouvira que da turba revolta que rodeava o carro saiam imprecações contra o venerando Chefe do Estado por não ter ainda assinado os decretos de nomeação dos novos ministros, e até ameaças de assalto á sua residencia. Assim, entregue Cunha Leal aos cuidados de sua familia, rodámos para casa do sr. dr. António José de Almeida onde, emquanto Agatão Lança era introduzido nos aposentos de S. Ex.ª, eu falava com o sr. Jaime Atias, secretário geral da Presidencia da Republica, a quem logo referi os boatos a que acima aludo.

A cass do Presidente da Republica abandonada

Depois do sr. Presidente da Republica ter declarado a Agatão Lança, e a mim tambem nessa altura, que assinava, não por intimidação dos acontecimentos, mas para evitar mais carnificina e em homenagem ao sangue derramado do presidente do conselho, dr. António Granjo, saimos para nos dirigirmos ao quartel do Carmo, onde pedimos ao coronel sr. Manuel Maria Coelho que mandasse uma força guardar a residencia do Chefe do Estado, visto que quando ali fôramos, haviamos feito reparo em que toda a vigilancia em volta da casa de S. Ex.ª era feita apenas por dois policias. O coronel sr. Manuel Maria Coelho imediatamente ordenou ao capitão sr. Loureiro, actual chefe interino do estado-maior da guarda, que fôsse á Rotunda, a fim de serem cumpridas as suas determinações. Nessa ocasião tambem o chefe supremo do movimento determinou que fôssem desarmados todos os civis e as praças sem comando, embora para tanto se tivesse de empregar a força.

Deixei Agatão Lança no Carmo e desci a pé ao Rocio, onde estive conversando com o cavaleiro tauromáquico Eduardo Macedo, com o filho da actriz Angela Pinto, e com o sr. Lima, antigo proprietário da sapataria Paris, aos quaes estive referindo o que deixo expôsto. Fisicamente exgotado e moralmente abatido, com a alma sangrando pelos lutuosos acontecimentos que vieram enodoar os fins generosos da revolução, generosamente levada a efeito, resolvi tomar um dos dois unicos trens de praça que se encontravam no Rocio e cujo cocheiro hoje sei, por informação do cavaleiro Eduardo Macedo, ser conhecido pela alcunha de *Cambalhotas*, o qual tinha a seu lado um individuo cuja identidade não deve ser muito dificil de estabelecer. Mandei bater para Arroios para casa da actriz Maria Alves.

A "camionette", fantasma

Ao chegar á Guia, dois policias mandaram parar o trem; e como ao seu interrogatório sumário tivesse respondido, mercê da agitação nervosa em que ia, um pouco mais bruscamente, fui preso e conduzido ao posto policial da Mouraria, de onde logo sahi, após breve troca de explicações. O trem seguiu. Defronte das Encommendas Postaes notei, parada quasi no pé da sentinela, uma «side-car», a qual, depois soube ser de redactores da *Imprensa da Manhã*. Ao entrar no Intendente, quando o meu carro passava mesmo no fundo da calçada do Desterro, fui novamente intimado a parar, desta vez por dois individuos fardados de marinheiros, aos quaes preguntei o que desejavam. Foi-me respondido que precisavam do trem para levarem um homem morto á Morgue. O trem rodou, então, por sua ordem, para o outro lado da rua, até junto duma «camionette» que se encontrava perto do quiosque que se ergue ao começo do passeio central da Avenida Almirante Reis. Ahi voltei a interrogar os homens; se era pessoa conhecida, o morto. Logo sacudidamente me responderam que se tratava de Machado Santos.

Em abôno da verdade devo frizar que nessa ocasião fiz reparo em que, além de três individuos que envergavam uniformes da guarda, havia mais uns seis ou oito fardados de marinheiros, sem fitas nos «bonnets» e alguns até sem o *alcache* nas bluzas.

O cadaver de Machado Santos

Meteram o cadáver de Machado Santos no carro e seguiram para a Morgue, dois dos taes homens vestidos de marujo, emquanto os outros me obrigavam a ficar junto deles. Preguntaram-me se sabia as moradas dos srs. Barros Queiroz, Alfredo da Silva, Soto Maior e Fausto de Figueiredo. Respondi negativamente, aproveitando o ensejo para afirmar—mas de fórma a não os agravar, naquela altura—que Barros Queiroz é um homem honestissimo e um bom republicano de sempre e que os outros individuos citados, que seria escusado procurarem, visto encontrarem-se no estrangeiro, são homens prestimosos, embora de acção discutivel, por serem dotados e estarem dispostos ao emprêgo duma constante iniciativa e dos seus importantes capitaes. Resmungaram. E não foi sem um calafrio que vim a certificar-me de que tencionavam liquidar-me, se o acaso de ter dito quem era e de ter sido considerado *bom-republicano*, de tal não me tivesse livrado. Não queriam testemunhas incómodas.

Durante o tempo que esperei o regresso do trem, passou uma ronda de marinha comandada por um sargento, que veiu informar-se do que se tratava e a quem disseram que trazendo Machado Santos, sob prisão, ao chegarem ali, um grupo armado os assaltara, estabelecendo-se tiroteio, de que veiu a ser vitima o almirante. Parece-me estar ainda a ouvir o sargento dizer-lhes:—«Tenham cuidado rapazes! Tragam as armas para não haver mais algum desastre...»

O "chauffeur" da "camionette"

O «chauffeur» da «camionette» que, segundo os jornaes, se encontra preso, chorava e pedia que o deixassem porque não servia para aquilo, nem aquele era o seu serviço. Chega, por fim, o trem. Subi e o carro rodou. Eles ficaram ainda. Pelo caminho, o cocheiro contou-me que ao abandonarem o cadáver, os homens que se tinham servido do trem, ainda haviam dado coronhadas no corpo para sempre inanimado. Quando entrei em casa, podendo finalmente dar largas á minha comoção, chorava como uma creança, não me envergonho de o confessar.

Aqui tem V. a verdade inteira e unica dos factos que se deram comigo na noite da revolução, sendo esta carta a reprodução que faço de memória, das declarações que oficialmente tambem já prestei.—*Augusto Gomes*».

A censura telegrafica

Porque não são expedidos telegramas que a nosso ver não contêm materia censuravel?

O governo tem censurado com certa ferocidade e, muitas vezes, com incongruencia, os telegramas destinados ao estrangeiro e até os destinados ao paiz.

Ainda no ultimo sábado recebemos, com inexplicável atrazo, um despacho do nosso enviado a Alcaide, que não pudémos, por isso, inserir.

Quanto aos telegramas para além-fronteiras... Mas é preferivel exemplificar:

O correspondente da United Press, sr. Vieira da Rosa, baldadamente tentou expedir para Buenos Ayres o seguinte:

«General Gomes da Costa, entrevistado pelo *Diário de Lisboa*, declarou recusar qualquer cargo do actual governo, visto entender que ele, saido de uma revolução, deve entregar o seu mandato a outro, organizado constitucionalmente».

Não nos parece que este periodo encerre desprimôr ou descrédito para o paiz.

De resto, os jornalistas estrangeiros que entre nós se encontram, têm registado nos seus «carnets» declarações de individualidades entrevistadas, possivelmente mais graves.

Para que impedir, pois, a transmissão de telegramas que não sejam tendenciosos?

Dr. Antonio Augusto Nogueira Souto

Realizou-se hoje o seu funeral

Realizou-se hoje, pelas 15 horas, de casa da sua residencia, o funeral do sr. dr. Antonio Augusto Nogueira Souto, antigo juiz aposentado da Relação de Lisboa.

O ilustre extinto, que foi um dos mais eruditos jurisconsultos, era dotado de um belo caracter, deixando profundas saudades em todos que o conheciam, pela maneira sempre lhana como tratava todos que com ele privavam.

O *Diario de Lisboa* acompanha a familia enlutada, em especial a sua desolada viuva, a sr.ª D. Adelaide de Almeida Nogueira Souto, seu irmão o sr. dr. Ricardo Nogueira Souto e seu genro o capitão de infantaria sr. Eduardo Veiga Ferreira, no profundo golpe que acabam de sofrer com o falecimento do meritissimo juiz.

O seu funeral foi concorridissimo, sendo mais uma prova de quanto foi sentida a sua morte.

Toda a correspondencia relativa a anuncios, assinantes e agentes deve ser dirigida á rua Luz Soriano, n.º 48, séde propria deste jornal, onde se encontram já instalados todos os serviços de administração.

CARVÃO CARDIFF das minas do almirantado "Insole's Cymmer (Merthyr Smokeless)"

CIMENTO ALSEN
EM BARRICAS DE 180 QUILOS
SEMPRE EM ARMAZEM

Portuguese Corporation of Commerce Ltd. { Lisboa — Cais do Sodré, 64, 2.º Telefs. C. 5092, 5093, 509 Londres—56, Ludgate Hill

PROVINCIAS

Em Odemira

Ainda os acontecimentos

Odemira 26

Foi posta a concurso a escola do sexo feminino na freguesia de Cólos. deste concelho.

—Foi nomeado amanuense da Camara Municipal deste concelho o sr. João Luie Midé Sabino.

—A comissão executiva da Camara Municipal deste concelho, em suá sessão de hoje, lançou na respectiva acta um voto de sentimento pela morte das vitimas ilustres, dos acontecimentos de 19 do corrente, comunicando esta resolução ao sr. presidente da Republica e ás viuvas dos extintos.

Em Portel

Cinco trabalhadores fulminados

Portel, 22

Os ultimos acontecimentos da capital só ontem á noite aqui foram conhecidos pelos jornais, sendo muito comentada a morte do Almirante sr. Machado Santos.

—Foi nomeado administrador deste concelho o sr. José Zarco Junior, que já tomou posse do cargo, sendo aquela muito concorrida.

—Na povoação da Torre dos Coelheiros, uma falsca matou cinco trabalhores rurais que se abrigavam debaixo de uma azinheira.

—As ultimas cheias teem beneficiado muitas oliveiras. esperando-se uma boa colheita de azeite.

—A uva vende-se a 4$000 os quinze quilos.

Em Bucelas

Falecimento

Bucelas, 27

Faleceu ontem a meniua Mariana Pinto Pessoa, vitimada pela tuberculose aos 18 anos.

A falecida era filha ds sr. Alfredo Rafael Pinto Pessoa e sobrinha dos srs. Augusto e Francisco Rafael Pinto Pessoa.

O seu funeral que hoje se realizou foi uma sentida manifestação de pesar.

A' familia enlutada os nossos pesames.

Em Portimão

Uma manifestação da classe operaria

Portimão, 27

Causou aqui profundissima indignação a morte do dr. Antonio Granjo, bem como das restantes vitimas do movimento revolucionario; este sentimento é comum a toda a gente, liberais, democraticos e monarquicos.

—A camara aprovou um voto de sentimento por tão barbaros assassinios, resolvendo telegrafar ao sr. presidente da Republica manifestando-lhe o seu mais veemente protesto e apresentando-lhe condolencias.

—A classe operaria fez ontem uma manifestação, que não decorreu absolutamente ordeira, na camara municipal, para que fosse despedido o mestre de obras da camara. O secretario da mesma camara, sr. Joaquim Buisel, como os operarios lhe faltassem ao respeito, pediu a sua demissão.

—Tendo-se-lhe partido a helice deu aqui entrada a reboque do vapor «Galgo» um vapor da Companhia União Fabril que seguia para Vila Real, carregado de adabos.

—Sentiu-se aqui, ha dias, um ligeiro abalo sismico.

Na Covilhã

Pedido de casamento --- Outras noticias

Covilhã, 30

Para o nosso conterraneo sr. dr. Antonio Alçada Padez, advogado em Lisboa, por seu irmão sr. João Alçada Pader, industrial e vereador da camara municipal, foi pedida em casamento a sr.ª D. Tomazia Vidal Abreu, gentilissima filha do sr. Antonio de Carvalho Abreu, comerciante da praça de Lisboa, e da sr.ª D. Maria Amelia Vidal Abreu. O enlace realizar-se-ha em breve.

—Regressou de Lisboa o bibliotecario municipal sr. Nicolau Alberto Ferreira de Almeida.

—Deve em breve subir á scena uma revista local intitulada «No paiz da guedelha», original do sr. Mario Quintela, com musica do sr. Antonio Rodrigues Gomes.

—Volta de novo a assentar banca de advogado nesta cidade o nosso conterranoo sr. dr. Joaquim Nunes de Oliveira Monteiro, que ha anos residia no Porto.

—Foi suspenso do exercicio e vencimento, por sessenta dias, o distribuidor rural sr. José da Nave.

—Regressaram de Lisboa os srs. Eugenio David, José Maximo Baptista, Augusto Campos, João Alçada Padez, Filipe Saraiva Teixeira e Aprigio Saraiva Teixeira.

—Regressaram de Tomar os srs. Olivio de Sousa e Antonio Nunes da Cruz.

A PRESTAÇÕES

Fazem-se instalações electricas de luz, campainhas, etc. Peçam condições á A Electro-Quimica, Lda. — Rua Mouradores, 29, 3.º

DINHEIRO

Empresta-se sobre tudo que ofereça garantia, seja qual fôr o seu valor, juro convencional, muita seriedade, sigilo e rapidez nas transacções. **Vendem-se joias, ouro, pratas em segunda mão e pianos dos melhores autores**

n'A COMERCIAL

18, TRAVESSA DA TRINDADE, 22 (AO CHIADO)

TELEFONE C. 3:992

Companhia de navegação

LLOYD BRAZILEIRO

Linha regular mensal de navegação entre Brasil e o norte da Europa

Para carga e passageiros trata-se com os agentes

PINTO & SOTTO MAIOR

Rua do Ouro, 24

Telefone n.º 1227 C. LISBOA

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

LISBOA — Rua do Ouro, 18, 24

PORTO — Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

CAFÉ MALTE VATEL

DE CEVADA GERMINADA

Muito recomendado ás pessoas nervosas por não ter cafeina

Não confundir com o café de cevada vulgar

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no

ESCRIPTORIO FORENSE

R. do Carmo, 35, 2.º

N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

O DIARIO DE LISBOA vende-se em todos os quiosques e tabacarias.

TRATAMENTO DA TUBERCULOSE

Do Prof WILSENGOLD

BRUXELLAS

LITHANE

DEPOSITARIOS

ALVARO CAMPOS, LIMITADA

103 Rua Garrett 1.º

INSTALAÇÕES

E REPARAÇÕES

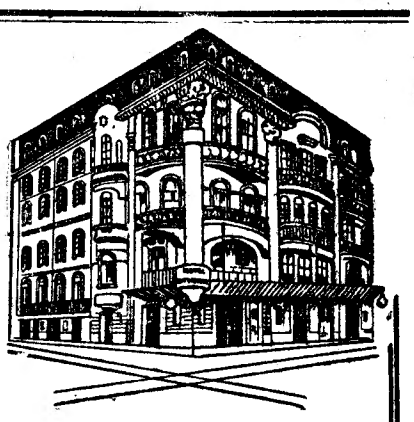
DE CAMPAINHAS, TELEFONES, LUZ ELECTRICA, PÁRA-RAIOS

Casa PALISSY GALVANI

RUA SERPA PINTO, 89 E 91

LISBOA

Telefone, 641



LISBOA

Hotel Internacional

O melhor tratamento

O menor preço

BANHOS

Almoços e Jantares

O Hotel Internacional tem automovel á chegada dos comboios e vapores.

TELEGRAMAS HONAL

Sociedade Luzitana dos Hoteis, L.da

Gerente: LINO MARTINS COELHO

ROCIO — ESQUINA DA RUA AUGUSTA

NO ESTRANGEIRO

A ACÇÃO DO GOVERNO RUSSO

O ATENTADO CONTRA O MINISTRO DA AMERICA EM FRANÇA

O marechal Foch ameaçado de morte

E' inegavel que a acção propagandista do governo dos «soviets» continua por toda a parte. Há epocas de silencio em torno dessa acção, que se podem chamar de calmaria pôdre; esse socêgo, porém, é apenas superficial, e num dado momento, acontecimentos em diversos pontos vêm demonstrar que a sua acção não abranda nem descança.

E' conhecido o atentado contra o ministro da America em França, e as condições estranhas em que ele se realizou. O embaixador recebeu uma encomenda postal, como sendo um frasco de perfumes. Por acaso, deu-o ao creado para o abrir, tal como o podia ter aberto ele próprio. Tendo chegado ao gabinete de «toilette», o creado cortou as fitas que atavam o embrulho. Havia uma outra fita interior. Logo que a cortou, o creado ouviu o ruido sibilante especial, que antecede a explosão de certas granadas. Tendo estado na frente de batalha, o creado conhecia esse ruido peculiar e correndo ao quarto contiguo, meteu o pseudo frasco dentro dum cesto, correu para fóra e fechou a porta. Mal a havia fechado, uma terrivel explosão destruia a sala onde havia sido posto o frasco, e, apezar da porta ter sido fechada, ainda veiu ferir o creado, que se refugiou na outra sala.

Supôz-se que este atentado era uma vingança, pelos factos dos comunistas Vanzetti e Sacco terem sido condenados á morte, e de não ter sido permitida a grande manifestação que, em favor deles contavam realizar deante das janelas da embaixada. Não parece, porém, que seja esse o verdadeiro ou o unico motivo. Um telegrama de Washington para o *Morning Post*, diz que o governo americano apreendeu cartas destinadas a França, nas quaes se ameaça de morte o general Foch, se porventura fôr á America. Egual ameaça fazem «os vermelhos» a todos os enviados francezes á Conferencia Internacional do Desarmamento.

O compromisso dos «Soviets» para com a Inglaterra, de que não fariam propaganda bolchevista, não tem sido tão respeitado, que o governo britanico não se julgasse no direito de apresentar certas reclamações ao governo russo.

Entre a Inglatera e a Russia, há agora um problema a resolver, que se é interessante sob o ponto de vista prático, no que respeita aos interesses inglezes, é tambem um curioso caso juridico.

Encontram-se os comerciantes inglezes numa situação precária no que respeita á exigencia das dividas, em virtude do governo dos «Soviets» ser apenas reconhecido como governo de facto, e não como governo de direito.

E assim, sendo Krassine devedor ao director da Penton Textile Association, da quantia de 45:638 libras esterlinas de mercadorias, e desejando este perseguir o devedor, foi-lhe respondido por Krassine que se encontrava ao abrigo desse género de perseguições, em virtude da sua qualidade de diplomata.

O director de Fenton foi preguntar ao Foreign Office, qual era a verdadeira situação de Krassine: embaixador ou enviado comercial. Foi-lhe respondido que era embaixador, mas que o seu nome não figura na lista especial do Foreign Office, porque o governo dele não está reconhecido de direito.

E' este um episódio curioso que faz vêr a inconveniencia de tratar com um governo não reconhecido juridicamente. O governo russo não deixa de tirar partido das situações creadas por esse motivo, e da necessidade que tem a Inglaterra de conquistar os mercados russos. Georges Lausbury, director do *Daily Herald*, começou uma campanha apoiando-se nestes motivos, com três fins: a conclusão da paz com os «Soviets», a obtenção dum empréstimo á Russia, o envio de socorros aos famintos.

Ao mesmo tempo é dada a noticia de que Tchitcherine mandou organizar ás diversas agencias comunistas de Inglaterra, grandes manifestações, mas prudentes, de regosijo por ocasião do aniversário da revolução comunista.

Do exame destes factos simultaneos vê-se que eles não provêm duma acção isolada, mas duma grande organização ordenada internacional.

A conferencia de Washington

Já partiram, sob a presidencia de Briand, os delegados franceses

LONDRES, 31.—Partiram para o Havre, a fim de embarcarem no cruzador «Lafayette», que largou de tarde, os delegados franceses á conefrencia de Washington. Seguem sob a presidencia de Briand. A delegação é composta de cerca de 40 membros. O embaixador americano em Paris acompanhou os delegados até ao Havre. Durante a ausencia de Briand assumirá a presidencia do conselho o sr. Boncvay, ministro da justiça.—(R.)

A questão irlandesa

A maioria da Camara dos Comuns, concorda com o ponto de vista de Lloyd George

LONDRES, 31.—Lloyd George será apoiado nas Camaras dos Comuns por uma larga maioria que concorda com o seu ponto de vista na questão irlandesa, mostrando-se apenas contrarios 40 membros do partido conservador. O primeiro ministro passou o fim da semana no campo e segundo o «Gunday Times» preparou a sua resposta, para responder hoje ás censuras que lhe têm sido feitas.—(R.)

A aventura de Carlos de Habsburgo

O que exige a Pequena Entente

VIENA, 31.

A França, a Inglaterra e a Itália nomearam cada uma delas um oficial encarregado de vigiar constantemente os ex-imperadores, Rakowsky, Gratz, o conde Andrassy, o ex rei Carlos e a ex-rainha Zita que ja chegaram a Tihany, ocupado militarmente. A pequena «Entente» exige que Carlos de Habsburgo fique definitivamente preso, que o desarmamento da Hungria se efectue sob a fiscalização das potencias da pequena «Entente» e que o Tratado de Trianon tenha uma integral execução. Dois cruzadores romenos receberam ordem de marchar para a Hungria. Parece que o «ultimatum» da pequena «Entente» não será aceite em Budapest.

Um comboio bolchevista assaltado

Trinta pessoas mortas e duzentas feridas

RIGA, 31.

Foi assaltado pelos rebeldes um comboio bolchevista, tendo ficado 30 individuos mortos e 200 feridos. Os insurrectos fuzilaram 15 bolchevistas de importancia, que viajavam nesse comboio.

O atentado contra Bauer

A Liga Socialista oferece cinco mil marcos a quem descobrir o criminoso

MUNICH, 31.

A Liga Socialista desta cidade ofereceu um premio de 5:000 marcos a quem lhe ajudar a descobrir o individuo que disparou vários tiros contra o deputado Bauer. No cemitério do sul da cidade, onde o agressor se ocultou, encontrou-se um canhão e a escada que lhe serviu para transpôr o muro do cemiterio e fugir.

EM VANCOUVER

Uma tromba maritima cousa grandes prejuizos

LONDRES, 31.

Uma tromba maritima que se formou a 18 milhas do Vancouver, em Britania Beach, causou a morte a 35 pessoas, sendo grande o numero dos desaparecidos, e tendo destruido grande parte da linha ferrea, calculando-se os prejuizos em 250 mil libras esterlinas.—(R.).

Os Estados Unidos e a França

A chegada de Foch a New-York, veiu prsxar a amisade que liga os dois povos

PARIS, 31.

O *Temps* exprime no seu artigo acerca da chegada do marechal Foch á America a alegria de toda a França em face do acolhimento triumfal que lhe foi feito em New York e Washington, desmentindo-se assim a falada má vontade dos americanos contra o militarismo francez, como caluniosamente propalavam os jornais alemães. *O Temps* agradece aos americanos essa grandiosa manifestação, dizendo que os propagandistas anti-franceses têm que dizer como o sapateiro romano: perderam o tempo e trabalho.—(R.).

O presidente Harding recebe o marechal Foch

NEW-YORK, 31.

O marechal Foch acompanhado pelos seus ajudantes militares e navais, foi recebido com toda a solemnidade pelo presidente Harding que lhe deu as boas vindas na sala azul da Casa Branca.

O marechal Foch pretendeu visitar o ex-presidente Wilson, mas o seu medico assistente declarou que o ex-presidente não podia receber visitas, limitando-se o general a deixar cartões na residencia de Wilson.—(R.).

A conferencia do desarmamento

Só cinco nações tomarão parte nela

WASHINGTON, 31.

Anuncia-se, de procedencia autorizada, que foi definitivamente decidido que unicamente a França, a Inglaterra, a America, a Itália, e o Japão tomarão parte na conferencia do desarmamento, e que para tratar unicamente das questões do Pacifico e do Extremo Oriente se ouçam tambem a China, a Holanda, a Belgica e Portugal.

Collares Burgacas
VINHOS DE TIPO INALTERAVEL
SUCURSAL em LISBOA RUA NOVA DA TRINDADE, 126 A 132
TELEFONE C 5431
COLLARES - ALMOCAGEME PORTUGAL

OURO E PRATA Muito mais BARATO e SÓ pelo PESO
Cordões, correntes, travessões e mais objectos. Grande sortido.
SÓ no CORREIA, MORA
PIMENTA LIMITADA
Rua de S. Paulo, 186

O SR. TEM PILHAS?
Deite-as fora!
Prefira o **Transformador C. S. V.** que dá consumo quasi nulo de corrente, garantindo o perfeito funcionamento de campainhas, trincos, etc.
CASA PALISSY GALVANI
89, Rua Serpa Pinto, 91

ELECTRICIDADE--MAQUINAS
Instalações e reparações—Peçam orçamentos gratis A Electro-Quimica Lt.ª R. Douradores, 29, 3.º Lisboa.

JOALHARIA, RELOJOARIA E OURIVESARIA
— DE —
JULIO REI, L.DA
ex-empregado da JOALHARIA ABREU
Grande sortimento em joalharia, relojoaria e pratas por preços sem competencia
30, Praça dos Restauradores, 31
(Palacio Foz)
Antiga Relojoaria Oliveira

Notas Mundanas

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.ªs:

Marquesa de Castelo Melhor, D. Maria Moreira Abrantes S. Pires, D. Francisca Gomes Palma Travassos Valdez, D. Josefa de Macedo Santos Belo, D. Maria Luisa Pereira de Sequeira Bramão Reis de Marim, D. Maria Domingas de Castelo Branco (Pombeiro), D. Emilia Bredérode Smith, D. Maria Luisa de Sousa Freire de Andrade e D. Maria da Gloria Guimarães

E os srs.:

D. Pedro de Sousa Holstein, D. José Manuel de Carvajal y Teles Gima (Gimenes y Molina), José Carlos Palma, Alvaro Rebelo Valente Armando Queiroga Carvalhal, Eduardo de Almeida Serra, José Souto de Almeida Rainha e José de Magalhães Mexia da Costa.

Casamentos

Na paroquial igreja do Sagrado Coração de Jesus, realizou-se no dia 24 do casamento da sr.ª D. Maria Josefina Barbosa Estacio, gentilissima filha da sr.ª D. Maria Leonor de Faria Estacio e do sr. Emilio Augusto de Faria Estacio, com o sr. Carlos Augusto Marques, chefe da agencia da Caixa Geral dos Depositos em Faro, filho da sr.ª D. Justina Augusta Pereira Marques e do sr. Carlos Maria Marques.

Serviram de madrinhas as sr.ªs D. Adelina dos Santos Estacio e D. Maria Leonor Barbosa Estacio e de padrinhos os srs. Emilio Barbosa Estacio e Carlos Maria Marques.

Celebrou o acto o reverendo prior, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade o Papa Bento XV enviou aos noivos a sua benção.

Finda a cerimonia religiosa, que resvestiu um caracter muito intimo, foi servido na elegante residencia da mãe da noiva um finissimo «lunch».

Os noivos partiram ontem para Faro, onde vão fixar residencia. Na «corbeille» via-se grande numero de valiosas e artisticas prendas.

—Pelo sr. João Alçada Padez foi há dias pedida em casamento para seu irmão dr. Antonio Alçada Padez, distinto advogado, a sr.ª D. Tomasia Vidal Abreu, gentilissima filha da ex.ma sr.ª D. Maria Amelia Vidal Abreu e do sr. Francisco de Carvalho de Abreu, conceituado comerciante da nossa praça.

—No sabado realizou-se na paroquial igreja da Estrela, o casamento da sr.ª D. Maria de Jesus Colaço da Silva Geada, getil filha da sr.ª D. Balbina Colaço Geada e do sr. Baltasar da Silva Geada, com o sr. Pedro Correia Marques.

Celebrou o acto o reverendo Francisco da Silva Geada, tio da noiva, que no fim da missa fez uma brilhante e comovente alocução. Sua Santidade o Papa Bento XV enviou aos noivos a sua benção.

Serviram de madrinha a mãe da noiva e de padrinhos os srs. Joaquim Carlos Reis e Silva e conselheiro Fernando do Sousa.

Finda a cerimonia religiosa foi servido em casa dos pais da noiva um fino «lunch». Na «corbeille» viam-se inumeras prendas de grande valor artistico.

—Está justo o casamento da sr.ª D. Laura Berta do Amaral, gentil filha da sr.ª D. Amelia de Macedo e do sr. Antonio Augusto de Macedo, já falecido, com o sr. Luis Raul Nunes, filho da sr.ª D. Maria da Encarnação Nunes e do sr. Augusto Antonio Nunes.

A cerimonia realiza-se na proxima semana, na igreja de Nossa Senhora da Rocha, em Carnaxide.

Pontos de reunião

No Nacional

Muito elegante a inauguração da epoca neste teatro que teve lugar na noite de sabado, com a «reprise» da magnifica peça historica original do saudoso dramaturgo D. João da Camara, «D. Afenso VI». Na assistencia recorda-nos ter visto entre outras as sr.ªs:

D. Eugenia de Melo Breyner da Camara (Ribeira) e filhas D. Antonia e D. Ana; D. Carolina Vasconcelos Tompson, D. Maria Inês de Seabra da Camara (Ribeira), D. Maria de Lourdes Tito de Vasconcelos Tompson, D. Helena de Melo Costa da Camara (Ribeira), D. Laura Santana Galhardo, madame Santana, D. Beatriz Consiglieri Pedroso de Pina, D. Gabriela Bandeira de Melo Lopes. D. Maria Augusta de Sousa Freitas e filhas, D. Maria Alice e D. Maria Eugenia, D. Otavia de Navárro, mesdemoiselles Castro, etc., etc.

Assistiram tambem as artistas D. Angela Pinto, D. Helena de Castro, D. Constança Navarro e D. Maria Lagoa.

Agenda

Hoje a nossa «élite» dá «rendez-vouz», no teatro Politeama, na 2.ª recita de assinatura, onde realiza a sua estreia como artista Brunilde Judice Caruson, com a primeira representação da peça «Sol d'Aldeia», e na recita da moda do teatro S. Luis, onde mais uma vez se representa a linda opereta portuguesa «Leiteira de Entre Arroios», notavel trabalho da genial actriz Ausenda de Oliveira, e ámanhã de tarde na tradicional «matinée» no Cinema Condes».

Em viagem

Deve regressar da Figueira da Foz, com sua esposa, a sr.ª D. Maria de Mascarenhas Calheiros de Noronha Azevedo e seus gentis filhinhos, por toda a primeira quinzena do proximo mês de Novembro, á sua casa em Lisboa, o sr. dr. Antonio de Azevedo.

—Partiram no sabado para Madrid as sr.ªs D. Marai Duff Burnay de Mendonça e D. Virginia Duff Burnay Vieira Pinto e seus gentis filhinhos.

— Acompanhado de sua esposa, a sr.ª D. Maria Leonor Correia de Sampaio Roquete e seus gentis filhinhos regressa nos primeiros dias do proximo mês de novembro de Cascais, á sua casa em Lisboa, o distinto engenheiro sr. José Viana Ferreira Roquete.

— Com sua gentil sobrinha D. Maria Eugenia de Sousa Holstein Brandão de Melo, partiu para o estrangeiro, a sr.ª D. Maria de Jesus de Sousa Holstein de Ornelas, esposa do sr. conselheiro Aires de Ornelas.

— Para Madrid partiu no sabado o sr. dr. Carlos Barbosa.

— Da Figueira da Foz regressou a Lisboa, com sua esposa, o sr. Joaquim Freira.

— Partiram para Madrid, no sabado, o sr. João Gomes e sua esposa a sr.ª D. Graziela Gomes.

— A' sua casa em Coimbra regressou da Figueira da Foz, com sua esposa a sr.ª D. Maria Amalia Correia Mendes Ramos, o sr. Henrique Mendes Ramos, chefe da filial do Banco Nacional Ultramarino nessa cidade.

— Encontra-se em Lisboa, vindo da sua de Buarcos, com sua esposa a sr.ª D. Maria Raquel de Queiroz Medeiros, o sr. dr. Eduardo de Medeiros.

— Regressa hoje de Cascais, com sua esposa a sr.ª D. Maria de Almeida da Mota Marques e seu gentil filhinho, o nosso colega na imprensa sr. Carlos Alberto da Mota Marques.

— Da Figueira da Foz, regressou á sua casa em Lisboa, com sua esposa a sr.ª D. Virginia Witnich Carrisso e seus filhos, o sr. Joaquim Witnich Carrisso.

Ultimas Noticias

Ás 5 da tarde

Constanos que na reunião do conselho de ministros hoje efectuada, alguns membros do actual governo manifestaram a intenção de o abandonar, por não se considerarem revolucionários e por não estarem dispostos a dar execução completa ao programa do movimento, com que em parte concordam.

Tambem nos dizem que o sr. Manuel Maria Coelho só pedirá a demissão colectiva quando outro governo esteja formado e todas as individualidades convidadas tenham aceitado o encargo.

Os directórios dos partidos devem hoje ainda reunir, para apreciar o assunto.

* * *

Vai ser confirmada a nomeação do sr. Lisboa de Lima, de comissario geral na Exposição do Rio de Janeiro.

Sobre este assunto conferenciou hoje o sr. Lisboa de Lima, demoradamente, com o sr. Oliveira Simões, director do Comercio e Industria.

* * *

O sr. Pires de Carvalho, ministro do Comercio, vai exonerar, segundo nos informa, o sr. Alvaro Castelões, de director dos caminhos de ferro do Minho e Douro. Isto a despeito do interesse manifestado por elementos revolucionarios do Porto, em que aquele funcionario fosse definitivamente provido em tal cargo.

* * *

Uma comissão de ferroviarios do Sul e Sueste conferenciou hoje rom o sr. Rosa Mateus, secretario do sr. ministro Comercio, sobre assuntos que se prendem com nomeações de pessoal.

* * *

O sr. Carvalho dos Santos, sue hoje chegou de Alcaide, a proposito das declarações do capitão sr. Sousa Guerra, disse-nos que não é aceitavel este oficial vir argumentar com o facto de Cunha Leal ter declarado a Agatão Lança não haver pressa. Isto, porque emquanto o primeiro, na sua qualidade de revolucionario, podia ter uma acção decisiva a favor de Antonio Granjo, o segundo, como individuo alheio ao movimento, poderia aparecer mais tarde, quando em contacto com os marinheiros, a fim de se utilisar do seu prestigio junto deles. Demais, no momento em que o sr. Cunha Leal telefonou ao sr. Sousa Guerra, este não sabia o que se tinha passado com Agatão Lança.

OS ULTIMOS ACONTECIMENTOS

Continuam as investigações policiais sobre os atentados

Nada hoje se passou de anormal no governo civil ácerca das investigações que a policia está procedendo sobre os atentados de que foram vitimas os srs. dr. Antonio Granjo, Machado Santos, José Carlos da Maia, Freitas e Silva, coronel Botelho de Vasconcelos e o «chaufeur» Carlos Gentil apenas foram intimadas varias pessoas para depôrem sobre aqueles atentados.

Não é verdade que o sr, tenente Roby tenha sido nomeado ajudante do general **sr. Peres**, novo comandaute geral da G. N. R.

EM HAMBURGO

O "Lourenço Marques" abalroa com um batelão

As autoridades alemãs exigem uma importante indemnização?

HAMBURGO, 29.—O paquete *Lourenço Marques*, dos T. M. E., ao entrar neste porto, abalroou com um grande batelão, carregado dem ilho. Do desastre resultou a morte de um maritimo alemão. Parece que as autoridades alemãs vão exigir ao Estado portuguez uma importante indemnização pelo desastre.

A questão das oleaginosas

O governador da Guiné pede para que seja resolvida a importante questão das oleaginosas.

O Alto Comissario de Angola saúda o governo

O sr. general Norton de Matos enviou ao sr. presidente do ministerio o seguinte telegrama:

LOANDA, 31.

Apresento a v. ex.ª e a todo o governo os meus cumprimentos e faço votos para que tudo em Portugal entre rapidamente e de vez na tranquilidade e ordem, de que tanto carecemos aí e aqui para o prestigio e engrandecimento da nossa Patria, e estou certo que muito concorrerão para restabelecer a normalidade as altas qualidades de português e republicano que concorrem em v. ex.ª—(a) *Alto Comissario*.

Bolsa de Lisboa

Dia 31

EFECTUADO

Divida Interna Fundada	
Ass. tit. 1.000$00	43.20
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Coup. tit. 1.000$00	43.50
» » 500$00	—
» » 100$00	—
Obrigações do Emprestimo de:	
3 0|0 1905	—
4 0|0 1888	—
4 0|0 1890 coup	—
4 1|2 1888|89 ass.	55.
4 1|2 1889 coup.	55.
5 0|0 1909 coup.	65.20
4 1|2 1912 ouro	—
5 0|0 1917	65.50
3 0|0 externas 1.ª série	204.50
3 0|0 » 2.ª »	183.
3 0|0 » 3.ª »	207.
Acções	
Banco Colonial Português (port.)	140.50
Banco Colonial Português (cop.)	142.
» Comercial de Lisboa	—
» Economia Portuguesa	—
» Nacional Ultramarino (ass.)	—
» » » (coup.)	229.60
» Lisboa & Açores	—
» Portugal	430.
» Minho	239.
» Português e Brasileiro	126.40
C. G. de Credito P. Português	36.
Lezirias Tejo e Sado	—
C. N. Navegação	139.
C. Fosf. (coup.)	—
C. Tabacos Port. (coup.)	245.
Portugal e Colonial	116.40
Cabinda	8.30
Buzi	51.50
Ilha do Principe	213.50
Moçambique	—
Zambezia (antiga	13.
» (nova	—
Companhia do Boror	94.
Obrigações	
Atravez d'Africa	107.
Benguela, titulo 1	185.
Benguela, titulo 5	—
Companhia Nacional, 1.ª serie, coupon.	—
Companhia Nacional, 2.º serie, coupon.	—
Fundos Federais do Brazil	
Emprestimo 5 %, 1914, Funding	—
Emprestimo 5 %, 1903, Porto Rio	—
Companhia de Seguros	
Adamastor	—
Fidelidade	—
Portugal Previdente	—
Probidade	—
Sagres	—
Tagus	—
Mundial	—
União dos Proprietarios	—
Industrial Aliança	—

CAMBIOS

	Comprador	Vendedor
Libra sterlina	48$50	50$
s|Londres cheque	6	5 3|4
» 90 d. v.	6 1|8	—
Rio s|Londres	7 7|8	—
s| Paris	738	771
s| Italia	400	417
s| Belgica	728	760
s| Suissa	1873	1955
s| Espanha	1348	1415
s| Berlim	57	70
s| Holanda	3463	3640
s| Nova York	10175	10620
Rio Brasil	—	—
T. Desc. Banco de Inglaterra	5 1|2	—
» » » » Portugal	7 1|2	—
Agio do ouro	850	960

COT. ESTRANGEIRAS

Madrid s|Paris	54,45
» s|Londres	29,66
» s|New-York	—
» s|Berlim	—
Paris s|Londres	—
» s|Madrid	—
» s|Genebra	—
» s|Berlim	—
Londres s|Paris	5 3,92
» s|Roma	99,25
» s|New-York	3,921
» s|Berlim	698,
» Amsterdam	11,545
» s|Genebra	21,37
» s|Belgica	—
» s|Suecia	—
» s|Austria	—

Contra o consulado dos Estados Unidos?

Rebenta uma bomba na rua do Alecrim

Hoje, ao fim da tarde, rebentou uma bomba de rastilho, numa escada da rua do Alecrim, tendo telefonado para o comissariado geral da policia, dali nos disseram parecer tratar-se de um atentado contra o consulado dos Estados Unidos.

Fronteira lundo-belga

A comissão de delimitação vai regressar á metropole

Deve retirar brevemente para a metrópole a missão encarregada da delimitação da fronteira Lundo-Belga, visto os trabalhos terem sido interrompidos.

DIA RELIGIOSO

A'MANHÃ, 1:

Resa-se de Todos os Santos. Duplex, 1.ª classe, com oitava de comum. Paramentos brancos. Missa propria e credo. Dia santo de guarda em que os catolicos são obrigados a ir á missa e abster-se de obras servis, como se fosse domingo.

Lausperene na ermida do Senhor Jesus dos Navegantes, á Lapa.

—Festividades:—Sé, ás 12 horas, festa dos Santos, celebrando de pontifical o rev. conego dr. Anaquim, e, em seguida á missa, vesperas pelos finados.

S. Roque, ás 9-30, missa.

Igreja dos Navegantes, ás 12,30 horas, festa ao Senhor Jesus dos Navegantes e Senhora da Caridade, com missa solene, por musica; ás 18 horas, Ladainha e Te-Deum, por musica.

Igreja do Bom Sucesso, em Cacilhas, ás 12,30 festa á Senhora Bom do Sucesso, com missa solene, por instrumental, orando o rev. Firmino Silva.

Festas da conclusão do mês doRosario, nas igrejas onde se fez esta devoção.

—Distribuição do Sagrado Lausperene, até 27 de novembro de 1921:

Dia 1, Ermida do Senhor Jesus dos Navegantes.
Dia 3, Capela de Nossa Senhora da Saude.
Dia 5, Capela de Nossa Senhora da Oliveira, na rua de S. Julião,
Dia 7, Igreja de S. Paulo, por devoção particular.
Dia 9, na Ordem Terceira de S. Francisco (a Jesus), por devoção da ex.ma condessa de Ficalho.
Dia 11, Capela do Monserrate (ás Amoreiras).
Dia 13, ermida do Espirito Santo e Senhora dos Remedios (ao Chafariz de Dentro).
Dia 15, na Basilica da Estrela.
Dia 17, na Igreja da Conceição Velha, pelos devotos do Coração de Jesus.

Toda a correspondencia relativa a anuncios, assinantes e agentes deve ser dirigida á rua Luz Soriano, n.º 48, séde propria deste jornal, onde se encontram já instalados todos os serviços de administração.

Espectaculos

S. CARLOS—A's 21—«Jerusalem!»
NACIONAL—A's 20,30—«D. Afonso VI».
S. LUIZ—A's 21—«Marido provisorio».
POLITEAMA—A's 21,30—"A raça".
GIMNASIO—A's 21,30—«O celebre Pina».
AVENIDA—A's 21—"Flôres da Noite".
EDEN—Fechado.
APOLO—A's 21,15—"Gato por lebre".
CHIADO TERRASSE—A's 21—«Mario e Maria»
COLISEU DOS RECREIOS—A's 20 e 22—«Tic-Tac».
TEATRO GIL VICENTE—(á Graça)—Aos domingos. segundas e quintas feiras—«A Martir».
TEATRO DOS ANJOS—A's 21—Quintas, sabados e domingos—«O homem macaco», revista.
SALÃO FOZ—Animatografo e variedades.

OLIMPIA—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO CENTRAL—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.

S. I. C.

Os melhores chocolates, cacaus, bonbons e drops

Pedir sempre os chocolates

S. I. C.